

## Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de  
História e do Programa de Pós-Graduação em  
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá  
Brasil

Bilhão, Isabel

Comentários sobre a Mesa Redonda "Mercado e mundos do trabalho no Uruguai e América: evolução  
no século XX"

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.  
16, núm. 1, enero-abril, 2012, pp. 97-105

Universidade Estadual de Maringá  
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526883005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **Comentários sobre a Mesa Redonda “Mercado e mundos do trabalho no Uruguai e América: evolução no século XX”\***

*Isabel Bilhão* \*\*

---

**Resumo.** O objetivo deste texto é realizar alguns comentários sobre os artigos de Maria Camou, Mariana Gonzalez e Rodolfo Porrini, que compõem a Mesa Redonda “Mercado e mundos do trabalho no Uruguai e América: evolução no século XX”. Neles, enfatizam-se as transformações ocorridas na esfera do mundo do trabalho, ao longo do século XX, em países da América Latina, sob a perspectiva histórica e econômico-social.

**Palavras-chave:** Mercado; Mundo do trabalho; Debate historiográfico.

## **Commentary on the Round Table “The Market and the Labor Worlds in Uruguay and America: Evolution in the 20<sup>th</sup> Century”.**

**Abstract.** Current essay comments the articles by Maria Camou, Mariana Gonzalez and Rodolfo Porrini who integrate the Round Table “The Market and the Labor Worlds in Uruguay and America: Evolution in the 20<sup>th</sup> Century”. Critique emphasizes the transformation within the labor conditions throughout the 20<sup>th</sup> century in Latin America from a historical, social and economical perspective.

**Keywords:** Market; Labor conditions; Historiography debate.

---

\* Artigo recebido em 13/01/2012. Aprovado em 03/02/2012.

\*\* Departamento de História. Universidade de Passo Fundo/RS, Brasil. E-mail: [iabilhao@gmail.com](mailto:iabilhao@gmail.com)

## Comentarios sobre la Mesa Redonda “Mercados y mundos de trabajo en Uruguay y América: su evolución durante el siglo XX”

**Resumen.** El objetivo de este texto es realizar algunos comentarios sobre los artículos de María Camou, Mariana González y Rodolfo Porrini que integran la Mesa Redonda “Mercados y mundos de trabajo en Uruguay y América: su evolución durante el siglo XX”. En los mismos se enfatiza sobre las transformaciones ocurridas en la esfera del mundo del trabajo a lo largo del siglo XX en algunos países latinoamericanos, desde una perspectiva histórica y económico-social.

**Palabras clave:** Mercado; Mundo del Trabajo; Debate historiográfico.

---

Os três textos aqui comentados fizeram parte de um simpósio ocorrido nas 5as. Jornadas de Historia Económica, promovido pela Asociación Uruguaya de Historia Económica (AUDHE), realizado em Montevideu, entre 23 a 25 de novembro de 2011. O referido simpósio, intitulado “Mercado y mundo del trabajo en Uruguay y América: evolución en el siglo XX”, procurava abordar, a partir de uma perspectiva histórica e econômico-social, as transformações ocorridas na esfera do trabalho, ao longo do século XX, no Uruguai e em outros países da América.

Entre as distintas abordagens das comunicações apresentadas, encontravam-se discussões acerca do desenvolvimento econômico e seu impacto nos aspectos laborais; as interações entre o Estado e as relações trabalhistas, especialmente no que concerne à legislação social e a participação política dos trabalhadores; bem como analisavam a dimensão das experiências dos trabalhadores em seus aspectos simbólicos e em suas práticas sociais e coletivas.

Tal variedade de enfoques e possibilidades temáticas atesta, em meu entendimento, o vigor desse campo de estudos e a importância do intercâmbio

de conhecimentos entre os historiadores dos diferentes países da região para que, conjuntamente, possamos aprofundar nossos saberes e construirmos relações cada vez mais solidárias em nosso universo acadêmico.

Os textos apresentados nessa Mesa Redonda são de María Magdalena Camou, professora do Programa de Historia Económica y Social, da Facultad de Ciencias Sociales, da Universidad de la República, em Montevideú, que discutiram as transformações na estrutura salarial em dois setores da indústria uruguaia, têxtil e frigorífico, no período de 1900 a 1960.

De Mariana González, do Centro de Investigación y Formación de la República Argentina, analisando as modificações no padrão de crescimento econômico e suas consequências sobre a evolução dos salários reais na Argentina, desde 1950.

E de Rodolfo Porrini, professor do Departamento de Historia del Uruguay, da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, da Universidad de la República, tratando do tema “Esquerda uruguaia e culturas operárias. Propostas ao ‘ar livre’: o caso do futebol em Montevideú, no período de 1920-1950”.

Em sua apresentação, Camou constata que, entre 1900-1960, ocorreram modificações importantes no sistema salarial uruguaio e procura explicar tanto a diminuição da desigualdade entre os trabalhadores, quanto a queda do *Skill Premium* (prêmio por qualificação), ocorridas naquele país no período em estudo.

A autora desenvolve a hipótese de que, por um lado, ocorreu no Uruguai um fraco processo de transformação tecnológica e de crescimento da demanda de trabalhadores qualificados e, por outro lado, deu-se um aumento global da educação que, entretanto, foi ineficiente na formação específica, requerida pelo mercado de trabalho.

Camou pesquisou dados individuais de trabalhadores da empresa têxtil Campomar e do frigorífico Swift. O universo de informações compreende aproximadamente 6.000 trabalhadores por ano, para o período de 1913 a 1957, sendo que, dependendo das variações anuais, os empregados nessas duas empresas representavam entre 5 e 7% da ocupação industrial do país. Conforme a autora, estes dados constituem-se na única fonte disponível sobre salários industriais pagos neste período, sendo suficientemente amplos para conferir representatividade às suas conclusões, devendo-se, entretanto, ter em mente que eles podem refletir também características específicas dos ramos e empresas analisadas.

A autora defende que esse tipo de análise permite uma visão mais particularizada das variáveis explicativas da evolução nas remunerações para distintos setores de trabalhadores. Para ela, os arquivos de empresas permitem acompanhar a evolução empresarial e analisar de que maneira fatores tais como a maturação da força de trabalho e as mudanças nas políticas de gestão de recursos humanos, incidem nos níveis salariais, bem como a política de retenção ou expulsão de mão-de-obra feminina e de menores e sua relação com os ciclos econômicos e a dinâmica da empresa.

A pergunta central, formulada no trabalho, indaga sobre a contribuição dos ganhos em capital humano na redução da desigualdade entre os trabalhadores industriais. Uma das repostas encontradas na investigação, e que me interessa destacar, se refere ao fato de que a educação formal exerce efeito menor nos salários do que o processo de aprendizagem específico no interior das empresas. A explicação para isso está no grau de importância da função desempenhada pelo trabalhador na cadeia produtiva, a qual pode ser de suma importância para determinado ramo e, no entanto, não ser correlata à sua escolaridade.

Outro resultado, assinalado por Camou, se refere ao peso do mercado interno na determinação dos salários. Em seu entender, esta variável demonstra um sistema de remunerações baseado especialmente na estabilidade da força de trabalho, tendendo a premiar mais a confiança e o comprometimento do empregado com a empresa do que o aumento em seu rendimento ou em sua escolaridade. Tal situação torna-se possível no interior de uma organização produtiva que pouco se renova e que goza de uma posição dominante no mercado. Entretanto, este sistema de hierarquias salariais não-relacionadas à produtividade tem a desvantagem de desestimular a inovação e o aprendizado.

Uma das questões apontadas no texto e que, a meu ver, poderia ser mais explorada em estudos futuros, se relaciona à organização corporativa ou sindical dos trabalhadores e a sua influência coletiva nas negociações por aumento salarial e na valorização de determinadas categorias profissionais.

Gonzáles, por seu turno, procurou explicar como as mudanças no padrão de crescimento, em diferentes estágios do desenvolvimento econômico argentino, condicionaram a estrutura e a dinâmica do mercado de trabalho. Seu estudo enfoca a evolução dos salários na Argentina, entre 1950 e 2006, relacionando a tendência de queda, que ocorreu desde meados de 1970, com o processo de desindustrialização e seus efeitos sobre as possibilidades da economia para criar empregos.

A hipótese norteadora da discussão feita por Gonzáles é a de que a média dos salários teve um primeiro longo período de crescimento, que se estendeu pelo menos de 1959 a 1974, ano em que alcançou seu pico, seguindo, desde então, uma marcha descendente. Essa queda foi tão significativa que, no momento da crise de 2002-2003, o nível médio dos salários era o mais baixo de todo o período considerado.

A questão proposta por González busca explicar as razões pelas quais, em 2006, um assalariado recebia em média apenas 74% daquilo que ganhava

um trabalhador na década de 1970, enquanto que a produção de riqueza do país passou por um incremento de 82% desde aquele período.

Para a autora, a resposta a essa questão passa inevitavelmente pela observação da política econômica adotada pela última ditadura militar argentina, pois, de acordo com o pensamento econômico daquele regime, a proteção às indústrias locais, em relação à concorrência externa, implicava em seu desenvolvimento ineficiente, ao mesmo tempo em que prejudicava ao setor agropecuário, com a finalidade de incidir positivamente nos salários e nos postos de trabalho.

O sindicalismo era acusado de pressionar e conseguir que os salários se expandissem acima da produtividade do trabalho. Finalmente, desde uma perspectiva econômica liberal, se criticava a intervenção do Estado na economia em suas diversas formas, medida considerada custosa e ineficaz.

A abertura externa da economia, somada à supervalorização da moeda local, tiveram profundas consequências sobre a indústria. A concorrência dos produtos importados, com preços reduzidos, determinou a falência de numerosas fábricas, especialmente entre as de menor tamanho, enquanto que nas empresas maiores se produziram importantes re-estruturações tecnológicas, produtivas e organizacionais, que implicaram na descontinuidade de certas linhas de produção. A autora esclarece ainda que a política econômica da ditadura marcou o começo de uma transformação no padrão de crescimento argentino, mas esta transformação não se limitou ao período ditatorial, vigorando até fins do século XX.

Segundo González, esse processo não apenas implicou na redução da geração de empregos, e do deterioro em sua qualidade, mas teve efeitos também sobre a capacidade dos trabalhadores de obter aumentos salariais e em sua possibilidade de influir nas políticas que visavam o desenvolvimento do país e a criação de postos de trabalho em longo prazo.

Observa-se assim a defesa realizada pela autora de que o desenvolvimento industrial, ainda que sem descuidar o necessário crescimento dos sectores primários, possibilitaria aos trabalhadores uma posição de maior força, permitindo-lhes obter maiores salários, melhorando sua participação no valor agregado gerado.

Uma questão que talvez se possa demandar a González é a que ela trate também de algumas das contradições e limitações engendradas pelo crescimento industrial argentino ao longo do período estudado e observe mais profundamente as tensões entre os diferentes interesses econômicos, especialmente em nível internacional, que dificultaram a manutenção da política industrializante, desenvolvida até os anos 1970.

Em seu estudo, Porrini investiga os vínculos entre as ideias e as práticas da esquerda uruguaia, anarquistas, socialistas e comunistas, no uso do tempo livre por parte dos trabalhadores. Seu texto enfoca as atividades ao “ar livre”, especialmente a prática do futebol, em Montevideu, no período de 1920-1950.

O autor observa que, com a aprovação da legislação trabalhista, a partir 1914, aumentaram as possibilidades dos trabalhadores em dispor de um efetivo “tempo livre”, bem como de desfrutar das opções de recreação criadas ou fomentadas por particulares e pelo Estado. Nesse “tempo livre” as pessoas podiam fazer muitas coisas, e as lideranças de esquerda das primeiras décadas do século XX pretendiam direcioná-lo à militância e às suas múltiplas atividades culturais e de sociabilidade. Entre essas propostas estavam as atividades ao “ar livre”, os piqueniques ou a prática desportiva, como maneiras de fomentar a vida saudável.

Porrini considera provável que os êxitos futebolísticos da “celeste” em terreno latino-americano, desde 1916, e mundial, desde a Olimpíada de 1924, tenham influído no crescente interesse por esse esporte em particular. O autor



se interroga sobre significado do futebol para os trabalhadores e sobre as apropriações de sua prática feitas pelas esquerdas.

Dentre os grupos de esquerda, atuantes em Montevideu no período analisado, Porrini destaca que foram os comunistas que superaram a crítica e levaram adiante uma proposta que procurava fazer frente ao “futebol burguês”, por meio da Federación Roja del Deporte (FRD), fundada em 1923.

Os socialistas chegaram a criar uma Federación Democrática de Football, que funcionou fundamentalmente em 1936-1937, com equipes vinculadas ao mundo do trabalho. Os anarquistas questionavam, criticavam ou ignoravam os esportes, particularmente o futebol profissional, ainda que os jovens militantes o tivessem como um aspecto a mais da vida cotidiana, sem maiores questionamentos morais ou ideológicos.

Com a vitória da seleção uruguaia no Mundial de 1950, os comunistas chegaram a criticar a apropriação governamental do feito, ao mesmo tempo em que procuraram ressignificar o sentido de apoio aos “celestes” dado pelo “povo” e pelo “bairro”, transformando assim, segundo Porrini, seu categórico rechaço anterior ao futebol profissional, que era qualificado como “burguês”, em algo mais aceitável, ao mesmo tempo em que continuavam apostando na prática desportiva nas fábricas e bairros.

Entre as conclusões do autor, pode-se destacar que, em relação aos esportes, as esquerdas se, por um lado, compartilhavam com outros setores – como os higienistas – a defesa da saúde, por outro, se diferenciavam ao impulsionar valores como a solidariedade e a competição saudável “entre companheiros” e ao incluir os esportes em um terreno mais amplo da luta de classes, pensando-o como uma das formas de preparação para o enfrentamento do Estado capitalista.

Em meu entendimento, um aspecto que poderia ser aprofundado no texto de Porrini seria a exposição mais detalhada das características da vida dos

trabalhadores participantes das atividades futebolísticas de esquerda, entre outros, suas categorias profissionais, aspectos étnicos, faixa etária.

Os textos acima apresentados dão uma amostra das profícuas discussões que vêm sendo realizadas pelos historiadores do mundo do trabalho, em intersecção com a história econômica, nos países vizinhos e ensejam pelo menos duas importantes reflexões. A primeira se refere à importância do diálogo entre as diversas áreas do saber histórico, pois, como observado nos textos de Camou e González, ao se pensar as questões salariais, não se pode deixar de combinar a análise econômica à política e à social; o texto de Porrini, por sua vez, segue uma trajetória que vem sendo trilhada por um número cada vez maior de historiadores, a observação dos aspectos culturais e da vida cotidiana dos trabalhadores que permita uma análise mais completa de suas vidas tanto dentro como fora de seus locais de trabalho.

A segunda reflexão se refere a já mencionada importância de cruzarmos as fronteiras acadêmicas e nacionais e conjuntamente usufruirmos dos benefícios que as trocas de conhecimentos podem oferecer aos nossos campos de estudos. A todos, uma ótima leitura!



